

**Missa de Encerramento do
XVII Congresso Eucarístico Nacional¹
Cardeal Dom Cláudio Hummes, Legado Pontifício**

Irmãos e irmãs,

Ao encerrarmos este Congresso Eucarístico Nacional, com a Santa Missa e a Procissão, do íntimo de nossos corações brota um emocionado canto de louvor à Santíssima Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo — pelo feliz transcurso destes dias e por todas as bênçãos e graças divinas que foram derramadas sobre nós, nossas famílias, nossos entes queridos e sobre todo o Brasil, em especial sobre a Amazônia Missionária. E a todos os irmãos e irmãs que organizaram este congresso e trabalharam pelo seu pleno êxito.

Irmãos e irmãs, o encerramento do nosso congresso coincide com a festa da Assunção de Nossa Senhora ao Céu. Uma coincidência feliz e inspiradora, visto que o congresso foi todo acompanhado pela devoção a Nossa Senhora de Nazaré, Padroeira da Amazônia. A Assunção de Nossa Senhora recorda que Maria Santíssima, a Mãe de Jesus, ao terminar sua vida aqui na terra, foi elevada ao Céu de corpo e alma. Desse modo, nela já se realizou e se antecipou a nossa ressurreição dos mortos no fim dos tempos. As leituras que acabamos de ouvir, de modo especial o Evangelho, nos trazem o sentido desta festa mariana. No Evangelho, ouvimos a saudação de Isabel à Maria, dizendo: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre” (Lc 1,42). E a primeira leitura, que é do livro do Apocalipse, nos apresentou o grande sinal

¹ A presente homilia foi proferida no dia 21/08, às 15h, na Basílica Santuário de N. Sra. de Nazaré, em Belém do Pará.

que apareceu no céu: “uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas” (Ap 12,1). Muito se poderia dizer sobre esses textos. Vou somente destacar o seguinte: essa mulher do apocalipse, perseguida pelo dragão do mal, mas vencedora e mãe, que gera o filho Salvador do mundo, representa ao mesmo tempo Maria Santíssima e a Igreja.

Assim como essa mulher, a Igreja também é perseguida pelas forças do mal durante a História neste mundo; mas, no final dos tempos, será definitivamente vencedora, porque “vestida de sol”, isto é, transfigurada pela força divina e redentora de seu Fundador e Cabeça, Jesus Cristo. Desse modo, a festa da Assunção de Nossa Senhora nos traz uma segura mensagem de esperança, a saber, a vitória definitiva do bem, e não do mal, a vitória da vida, e não da morte, a vitória do amor, e não do ódio, a vitória da paz e da misericórdia, e não da guerra, da violência e do terrorismo. Mas, também, essa “mulher vestida de sol” sempre renova a mensagem da importância da mulher na vida da Igreja, na vida da sociedade, na vida familiar. É essa importância da mulher que o papa Francisco está procurando resgatar melhor.

Nossa Senhora é também a mulher eucarística, porque o corpo e o sangue de Jesus Cristo são fruto de seu ventre. Existe um antigo canto eucarístico que diz: *Ave, verum corpus natum de Maria Virgine* (“Salve, ó corpo verdadeiro nascido de Maria Virgem”), que exprime toda a relação de Maria com a Eucaristia. Jesus dela nasceu, e, assim, toda vez que está sobre nossos altares o mistério da Eucaristia, Maria está indissolúvelmente envolvida neste mistério, porque o corpo de Jesus foi gerado por ela, mas também porque Maria esteve de pé junto à cruz, associada de modo muito especial à morte redentora de seu Filho na cruz. Ela estava de pé, como que

a sustentar seu Filho nesse momento supremo, em que Ele “nos amou até o fim”. Tudo isso integra o contexto do mistério da Eucaristia.

Deste congresso, queremos voltar a nossas casas alegres e firmes na fé, anunciadores corajosos e missionários, sem medo nem hesitação, assim como os dois discípulos de Emaús depois de reconhecerem Jesus Cristo ressuscitado no partir do Pão. Sim, os dois discípulos, logo após reconhecerem Jesus, “levantaram-se e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os Onze e os outros discípulos. E estes confirmaram: ‘Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão’. Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão” (Lc 24,33-35). Nós, de modo semelhante, aqui em Belém, mais uma vez encontramos o Senhor Jesus, Ressuscitado, no partir do Pão. Esse renovado e forte encontro pessoal e comunitário com Ele nos renova e atiza em nós o fogo missionário. Não deixemos que este fogo do Espírito Santo se extinga em nós e em nossas comunidades.

Cada um de nós, segundo seu estado de vida e condições de trabalho, é solicitado a ser missionário em seu ambiente e em sua família. Mas nós, pastores, de modo muito particular, devemos assumir a missão que Cristo nos confiou. O fogo do Espírito que desceu sobre os apóstolos no dia de Pentecostes também descera novamente sobre nós se o pedirmos na oração. Não deixemos que este fogo se apague. O papa Francisco, em seu documento programático *Evangelii Gaudium*, afirma que “a atividade missionária ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja e a causa missionária deve ser a primeira de todas as causas”. Depois nos exorta, dizendo ser “necessário passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (EG,15). Isso vale para todas as nossas dioceses, mas de forma bem deter-

minante para a Igreja Missionária na Amazônia, a começar pela evangelização dos nossos indígenas e nossa solidariedade para com eles. Os índios, na verdade, são os mais pobres dos pobres; deles se tirou tudo: a terra, a cultura, a história, o futuro e a própria identidade. Nas últimas décadas, já se fizeram alguns passos para a devolução de tantas perdas essenciais, como a demarcação de terras indígenas. Mas ainda há um longo caminho a percorrer, uma enorme dívida a saldar, para que eles possam novamente ser plenamente sujeitos e protagonistas de sua história. Para a Igreja se põe, além do mais, o grande desafio da inculturação do Evangelho nas culturas desses povos originários. O papa Francisco nos estimula e diz que na missão é preciso arriscar, ser corajoso na busca de novos caminhos de evangelização, e acrescenta que as coisas não devem ficar como estão.

Além da atual realidade indígena na Amazônia e em todo o Brasil, nos desafia também a totalidade da realidade amazônica com sua população interiorana e ribeirinha, com o rápido processo de urbanização, que aporta consigo todos os problemas das periferias urbanas e da pobreza crescente. Outro desafio é a questão da defesa de “nossa casa comum”, a preservação da natureza, das matas, dos rios, da biodiversidade e do clima, contexto em que a Amazônia clama por muito maior cuidado da parte de todas as forças vivas da sociedade, para que assumam sua responsabilidade pelo futuro do planeta e das gerações vindouras. Neste contexto amplo, o papa Francisco pede que na Amazônia a Igreja tenha “um rosto amazônico” e se empenhe em formar um clero autóctone, que inclua também um clero indígena.

Essa renovação missionária, entretanto, só trará frutos de salvação se fizer surgir e desenvolver uma Igreja profundamente misericordiosa; Igreja missionária e misericordiosa,

pobre e para os pobres. Uma Igreja “em saída” para ir ao encontro de todos, mas especialmente às periferias geográficas e existenciais. Para fazer o que nas periferias? Anunciar Jesus Cristo e praticar a misericórdia. A misericórdia será o teste da autenticidade de nossa pregação. A misericórdia é o que salva. O amor, o perdão, a misericórdia para com os pobres, os pecadores, os sofridos, os infelizes, os distantes, os indígenas, os ribeirinhos e todos os abandonados, esquecidos e marginalizados; a misericórdia para com eles é que torna eficaz a nossa pregação. Abrir a Igreja, saber derrubar muros e construir pontes para ir ao encontro de todos, consolar, abraçar, sorrir e chorar juntos, conviver e compartilhar, acender luzes na noite em que andam tantas pessoas desorientadas, enxugar lágrimas e curar feridas, é isso que o mundo espera de nós cristãos. É nisso que seremos reconhecidos como discípulos verdadeiros de Jesus Cristo.

Termino com um repetido e esperançoso apelo a toda a Igreja no Brasil em favor da Igreja Missionária na Amazônia. Cristo aponta para a Amazônia, como disse o beato papa Paulo VI. O papa Francisco nos encoraja sempre a não esmorecer na Amazônia. Ele nos disse, na Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, que a Igreja na Amazônia precisa arriscar e não ter medo. Não podemos perder a Amazônia, aqui onde já durante quatro séculos tantos missionários e missionárias deram sua vida e tantos hoje continuam a dar sua vida. Essa missão é nossa, é nosso maior e mais fascinante desafio missionário. Jesus Cristo é quem nos convoca: “Ide e pregai o Evangelho a toda criatura” (cf. Mc 16,15). Nossa Senhora de Nazaré, apontando para seu Filho Jesus, nos encoraja e diz: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). Amém!

